



Revisitando a Folhetaria de J.Borges – notícias do sertão¹

Ivany Câmara Neiva²

Universidade Católica de Brasília, Universidade de Brasília

Resumo

Tomando como mote a comemoração dos setenta anos do poeta e gravador pernambucano J.Borges, retomam-se conversas registradas com ele em Brasília, há sete anos, e no seu Memorial em Bezerros, por ocasião de seu aniversário, em 2005. O assunto gira em torno da literatura oral, da arte e da comunicação popular. Entrelaçam-se histórias sobre a trajetória do artista, da literatura popular e da produção e divulgação dos *folhetos* e das xilogravuras.

Palavras-chave

folheto; cordel; gravura; notícia; J.Borges

1. Pontos no tempo, lugares³

Religar pontos no tempo pode ser um mote para, voltando ao passado, iluminar o presente. E assim foi quando, conversando com um amigo de Olinda, atentamos para o fato de que estava chegando o fim-do-ano de 2005, e que no dia 20 de dezembro o poeta J.Borges completava setenta anos de idade. Lembramos que, há quarenta, era editado o primeiro cordel de sua autoria ilustrado por ele mesmo⁴. A capa de *O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vêm*, em xilogravura, era o início de um longo e precioso caminho de gravador, desse poeta, cordelista e editor popular nordestino.

As conversas foram se enredando e recorremos às pesquisas do jornalista Jeová Franklin, que há alguns anos é o *representante* de Borges em Brasília: “vendas de todos os produtos e serviços de J.BORGES é com Jeová Franklin de Queiroz, Lago Sul, Brasília / DF” - consta na contracapa de *J.Borges e seu perfil*. Navegando pelo tempo, o assunto girava em torno do comunicador J.Borges, e da comunicação – mais especificamente, da comunicação popular.

¹ Trabalho apresentado no NP 17 - Folkcomunicação, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Ivany Câmara Neiva é professora no Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília, doutoranda em História Cultural na Universidade de Brasília e pesquisadora do Instituto Mythus – Cultura e História dos Sertões (Olinda/PE). Contato: neiva3@terra.com.br

³ Antes do reencontro de 2005 com o poeta, outro artigo havia sido escrito, para publicação na revista eletrônica do Curso de Comunicação Social da UCB: A Folhetaria de Borges: notícias no sertão. Imagem.N, nº3, maio 2006. Brasília: Universidade Católica de Brasília. <http://www.ucb.br/comsocial/imagemn1.htm>.

⁴ BORGES, José Francisco. 1965. *O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vêm*. Cordel. Ilustração: xilogravura de J.Borges.



Durante a conversa nos lembramos que em 2005 também se comemoravam os quarenta anos⁵ do ensaio *O ex-voto como veículo jornalístico*, publicado pelo jornalista Luiz Beltrão na primeira edição da revista *Comunicações & Problemas*, do Icinform - Instituto de Ciências da Informação, ali em Recife⁶.

Aquele artigo é considerado um marco para o reconhecimento da comunicação popular. A partir da observação dos ex-votos, peças em que se expõem publicamente a devoção e o reconhecimento pelo cumprimento de *votos* e promessas, Luiz Beltrão apontava possibilidades de análise das manifestações culturais como formas de comunicação popular. O próprio Luiz Beltrão estudou também o cordel como *folkcomunicação*, e isso ligava as pontas da conversa.

Pelas lembranças dos setenta anos de J.Borges, e nas idas e vindas de memória entre 2005 e 1965, nosso assunto circulava entre cultura popular, comunicação, notícias no sertão, e entre Brasília, Recife e Bezerros. O eixo, a referência, era o pernambucano José Francisco Borges - o J.Borges, reconhecido e premiado no Brasil e no exterior, e sempre poeta, gravurista e editor de folhetos em Bezerros, no agreste pernambucano.

2. Entre Brasília e Bezerros, 1999 e 2006

No dia 19 de dezembro de 2005, véspera do aniversário de J.Borges, fomos surpreendê-lo em Bezerros: “Mas não é o impossível?... É aquele povo de Brasília...”

Borges nos mostrou seus novos cordéis, de autoria dele ou de outros poetas, por ele editados.

Escutamos suas histórias, que amanhã ou depois podem inspirar xilogravuras e folhetos. Seu filho Cícero nos mostrou as velhas máquinas ainda em funcionamento. Naquele dia estava sendo montado um folheto do poeta Zé da Madalena⁷, que faz questão de que seus trabalhos sejam editados no sistema tradicional dos *tipos móveis*.

Visitamos, *in loco*, a coleção de matrizes das xilogravuras e os azulejos que vimos em exposições como aquela realizada em Brasília, há dois anos⁸.

⁵ Esses quarenta anos foram lembrados durante o XXVIII Congresso da Intercom, no Rio de Janeiro. E o ano de 2006 foi declarado, pela Intercom, como “Ano Luiz Beltrão”, assinalando os 20 anos de seu falecimento e os 70 do início de sua carreira jornalística, no Diário de Pernambuco.

⁶ BELTRÃO, Luiz. 1965. *O ex-voto como veículo jornalístico*. *Comunicações & Problemas*, 1965, v.1, n.1. Recife, Icinform. Reeditado em Luiz Beltrão (1918-1986). *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

⁷ Pseudônimo de cordelista, do jornalista Jeová Franklin.

⁸ Exposição *A Arte de J.Borges – do cordel à xilogravura*. Brasília, Centro Cultural Banco do Brasil, 6 de abril a 16 de maio de 2004. Curador: José Octávio Penteadó.



Além das estantes repletas de folhetos, pudemos ver, reunidos em uma grande mesa “aberta ao público”, livros recentes e exemplares esgotados de publicações sobre ele, ou por ele ilustrados, como *Poesia e Gravura de J.Borges*⁹.

Conversa puxa conversa, e fomos nos lembrando de antigos encontros. Conteí a J.Borges que tinha gravado e transcrito um longo depoimento dele feito na casa de Jeová Franklin, em Brasília, durante uma de suas viagens à capital. Borges concordou que seria interessante registrar por escrito o que então dissera, e assim entrelaçamos passado e presente, em um “convívio de tempos”¹⁰

J.Borges vem freqüentemente rever os amigos de Brasília, onde também participa de exposições, conta suas histórias, vende folhetos e gravuras, dá palestras e oficinas. Naquela tarde, Borges conversou sobre seus primeiros trabalhos, sua gráfica em Bezerros, os tipos móveis, o computador e o scanner, a trajetória do cordel.

Falou sobre amigos artistas, como o poeta Antônio Ferreira da Silva, o “veterano” que o estimulou a publicar seus próprios cordéis; José Ferreira da Silva, o Mestre Dila de Caruaru, que ilustrou seu primeiro folheto – *O encontro de dois vaqueiros no Sertão de Petrolina*, em 1964; Mestre Galdino, ceramista e poeta de Caruaru, que escreveu, sob encomenda, um cordel autobiográfico ilustrado por J.Borges.

Borges encontrou no acervo de Jeová uma cópia desse folheto – *Galdino, o ceramista poeta* - e lamentou não ter mais suas matrizes nem exemplares: “Talvez o Galdino tenha, ou então o Carlos Dantas, que foi quem encomendou”. Lembrou-se de Carlos Dantas, professor de Recife que transitava pelo sertão pernambucano, inclusive ligando saberes de seus amigos J.Borges e Galdino.

Muitos casos foram lembrados naquele dia, e voltam hoje. Revendo o cordel *O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vêm*, Jeová Franklin conta:

Borges achou que o folheto ia agradar mais ainda se tivesse na capa a igreja onde Frei Damião pregava, em Juazeiro. Acontece que Borges até aquela época só conhecia a Matriz de sua terra, Bezerros, que tinha duas torres. E tentou recriar a matriz de Juazeiro do Norte daquela forma, com duas torres. O povo pensava que Frei Damião falava de lá... Ele publicou o cordel por vários anos. Os cordelistas reforçavam a lenda nas feiras. Só anos depois Borges foi visitar a terra do Padre Cícero e descobriu que a matriz de Juazeiro do Norte só tinha uma torre. Durante todo esse tempo, ninguém reclamou do engano.

⁹ Concepção visual e produção de Sílvia Rodrigues Coimbra. Recife: Ed. do Autor. 1993.

¹⁰ BOSI, Alfredo. *O tempo e os tempos*. In NOVAES, Adauto, org. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992. pg. 30.



Naquele encontro de 1999, Borges reviu antigas gravuras e outros folhetos, comentou seus trabalhos mais recentes e reiterou, atualizando, votos que fizera em um cartão de Natal, em 79: “O sol, a lua, as estrelas iluminem teu caminho. E os anos todos 2000 sejam de amor e carinho”...

J.Borges, como sempre, conversou muito naquela tarde. Aqui ficam alguns recortes de quem continua afirmando, sete anos mais tarde, “fazer mais fé na poesia”¹¹ que nas outras profissões que teve. E que, quando fala no processo de trabalho da impressão e da gravura, da escrita, publicação e divulgação, está sempre falando de arte, comunicação e poesia.

3. A folhetaria, a gráfica, o processo de trabalho

Atualmente, a produção de seus folhetos e gravuras se concentra no Memorial J.Borges, que, além de folhetaria e gráfica, assume características de ateliê, oficina e galeria.

Tanto o Memorial como sua precursora, a Casa de Cultura Serra Negra, situam-se às margens da BR-232, Rodovia Luiz Gonzaga, que cruza o agreste pernambucano, ligando Recife a Parnamirim.

Na visita ao Memorial, pode-se confirmar que o processo de trabalho e os próprios produtos vêm se transformando ao longo do tempo, pela incorporação de novos temas, formatos, rotinas, materiais, equipamentos e públicos.

Na conversa de sete anos atrás, J.Borges já falava em computador e scanner, não manifestando resistências às novidades da técnica. Não as recusava, mas estava atento e inquieto quanto aos possíveis caminhos da impressão de folhetos e gravuras.

Ainda hoje, ele e seus filhos fazem, em situações especiais, trabalhos de produção gráfica pelo antigo processo dos tipos móveis que Borges então descrevia:

Pra falar da tipografia lá de Bezerros é no presente mesmo, ela existe... Quase todas as tipografias de tipo móvel foram desativadas, porque veio o offset, serviço mais perfeito, mais prático, então as gráficas foram desativadas.

Mas no meu caso eu mantenho a minha. Eu tenho uma máquina velha de cento e tantos anos, alemã, já não cabe mais remendo, mas ainda funciona. E tenho duas maquinazinhas assim manuais, quer dizer: elétricas, mas margeadas manualmente, porque não são automáticas. E tenho uma equipagem muito grande, muitas caixas de tipos para a montagem de uma em uma letra.

Esses cordéis, todos os que eu tenho aí são montados de uma em uma letra, num processo muito demorado. Tem que trabalhar com muito cuidado, colocando as

¹¹ Comentários diversos, por exemplo, em: BORGES, José Francisco. (sem data). Memórias e contos de J.Borges; BORGES, J.. Poesia e gravura de J.Borges. Concepção visual e produção de Sílvia R.Coimbra. Recife: Ed. do Autor, 1993.



letras todas ao contrário e fazendo a montagem ao contrário, para quando virar o lado que imprime, sair certo.

Só sabe como é, vendo mesmo a montagem. Tem uma caixinha com todos os tipos, a começar do A até o Z, e todos os pontos que merece uma escrita. Então a gente vai pescando as letras nos quadradinhos e colocando de uma em uma. Aí se faz a chapa e bota na grade de ferro, bota apertadores, aperta a chapa – porque uma chapa de quatro páginas de um cordel tem aproximadamente seus cinco ou seis quilos. É muito pesado porque é chumbo e antimônio que imprime.

Tem que ser um aperto muito grande, porque aquilo ali, se soltar, senão ficar bem apertado, dá uns cinco quilos de tipo misturado – letra por letra, é negócio de uma semana pra separar.

Quando tem ilustração, coloca a matriz de madeira, aperta também.

Eu sei e os meus filhos todos fazem.

Eu comprei a primeira máquina em 74. Ela era manual mesmo, puxada a braço, a impressão. Depois cheguei a comprar mais três, tudo manual, porque os menino era tudo pequeno e cada um imprimia numa maquininha daquela. Um fazia a chapa, outro ajudava, e a gente tocou o barco. Depois eu comprei, já em 78, uma máquina manual – quer dizer, margeava o papel manualmente mas era puxado a motor, o movimento dela. Tenho ainda ela e mais outra antiga.

Meu filho comprou um offset. Ele faz talão, uns pedidos, faz serviço pra comércio. E os meus cordéis eu ainda faço montando os tipos. É um processo muito antigo.

Já tem também o linotipo, que é uma máquina que faz o tipo no chumbo. Faz na hora, bate a letra e aquela linha cai certinha, toda impressa. Faz a impressão e quando termina, joga aquela chapa no fogo, derrete, funde o mesmo chumbo e bota na máquina para fazer outro trabalho.

Por mais que for modernizando todos os processos, o tipo móvel ainda continua muito usado, porque é uma maneira que muita gente aprendeu e muitas pessoas querem. Eu já tive pessoas do Recife, que tinham condições de imprimir em máquinas boas e serviço moderno, mas que fazem questão do trabalho ser popular, feito e ilustrado por mim, tudo, até a capa impressa direto da madeira.

Teve um que quando chegou disse ‘Borges, que livro lindo’. Eu disse ‘não, não tem nada de lindo, o livro feito em máquinas modernas é mais bonito.’. Mas eu sei que tem mesmo a autenticidade do trabalho, tudo é popular, manual, e aí ele fez esse livro comigo e ficou maravilhado.

Não sei como vai ficar o serviço de impressão, porque veio o offset, veio também o linotipo e outros processos. Agora já é o computador, e o scanner passa a figura, o computador recebe, passa na impressora, sai no papel, sai preto e branco e colorido...

Então, não sei aonde é que vai chegar. Só sei que o tipo móvel continua sendo usado em várias gráficas antigas. Como no meu caso – eu gosto, e também não pude comprar equipamento moderno, e continuo com minhas maquinazinhas antigas.



Na gráfica vem encomenda de folheto, de panfletos pra distribuição, folhetinhos assim com aviso de compra de terreno, uma coisa e outra... Outros querem fazer cordel... Até pra vender terreno eles estão fazendo folheto... Manda fazer os versos e faz um cordel pra distribuir pro povo, porque a mensagem do cordel é muito lida, porque tem as rimas. As rimas é que atraem o público de ler aquilo. A pessoa vê um verso, às vezes só uma estrofe, fica curioso pra ver. Quando não é, a pessoa lê um trechinho e deixa pra lá.

4. A trajetória do artista

J.Borges é, antes de tudo, um grande contador de histórias – inclusive da sua, já registrada em livros, artigos, teses, cinema e vídeo.

Naquela conversa em 1999, estava mais preocupado com os caminhos futuros de sua arte e de seu ofício, e por isso falou também sobre a trajetória de sua vida:

No meu caso, começou primeiro o cordel, antes da gravura. Comecei comprando cordel nos depósitos e vendendo. Quando foi depois, em 64 eu escrevi meu primeiro cordel. Eu era um pouco tímido e um dia chegou um colega meu, já veterano no ramo, e ele disse: ‘rapaz, tu não escreve nada?’ Eu feirava com ele, trabalhava junto com ele nas feiras, dava capote nele (dar capote é vender mais...) ‘Mas tu é inteligente, nunca escreveste nada?’ ‘Eu tenho um originalzinho escrito, mas tenho vergonha de mostrar...’ ‘Cê besta, rapaz. Me mostre.’ Mostrei pra ele, ele aí disse: ‘Ó, tem outros piores, vendendo e fazendo sucesso. O teu tá muito bem arrumado, tá bom, vamos publicar!’

Aí ele me ajudou, levamos pra tipografia, imprimiu... Era com uma gravura de Dila, de Caruaru. Fui bem sucedido, não foi nem um mês já tinha vendido dois milheiros nas feiras. Parti pra fazer mais, escrever mais. E fui escrevendo e aí o segundo já illustrei com uma gravura minha, em 65...

Surgiu a gravura da necessidade de ilustrar o folheto. Daí eu continuei, fiz durante uns cinco, seis anos só para cordel e fui fazendo de tamanho maior, e foi caindo na graça do povo...

Fui fazendo gravura para decoração, fui publicando a convite de amigos, ilustrando cordel e livro, e terminou hoje estou com esse meu nome falado por aí, muita gente fala de mim, o mundo todo tá falando de mim agora...

5. A trajetória do cordel

Muito se fala sobre os caminhos da literatura de cordel, desde suas origens ibéricas até o auge da comercialização dos folhetos brasileiros, nas décadas de quarenta e cinquenta, e sua possível decadência nos últimos anos.

No encontro de 2005, conversamos sobre o assunto com J.Borges, lembrando questionamentos de observadores atentos como Bráulio Tavares:



Analistas apressados vêem nisso [na diminuição das vendas] uma decadência do cordel, e anunciam a iminência de sua extinção. Será verdade? Não creio. (...) O cordel ultrapassou sua Idade de Ouro, que foi naquelas décadas, mas isto não significa que está morrendo. Para mim, significa apenas que minguou, retraiu-se, e está hoje em dia acomodado num nicho de mercado bem mais modesto, mas bastante estável.¹²

Borges relembra o que dissera sete anos antes:

O cordel perdeu muito. Teve uma decadência grande nos anos noventa. Muita gente pergunta pra mim a qual motivo eu atribuo isso – se foi televisão, rádio, jornal, revista... Eu digo que não, não é nada disso, porque quando o cordel ainda vendia bem, estava num bom auge, já existia tudo isso.

Porque a televisão tem o seu público, o jornal tem os seus leitores, o rádio tem os seus ouvintes, o cinema tem os seus habitués que vão sempre, e o cordel sempre teve seu público leitor e comprador.

Agora eu atribuo, e tenho certeza disso, o que acabou com o cordel é que não veio uma camada de vendedores, de representantes novos. Está acabando aquele pessoal que trabalhava nas praças, nas feiras, que propagava, que cantava, e o povo comprava e ficava com aquilo em mente. Em cada feira tinha um, dois, três, aquilo vivia muito alojado na mente do povo. O cordel cantado e tal, eles assistiam, compravam, levavam pra ler em casa, era uma coisa que funcionava normal. Muitos nem sabiam ler, mas levavam.

Mas a mocidade, o jovem de hoje não quer mais esse tipo de trabalho. Muitos deles vão embora para o sul do país e ficam por lá, às vezes jogando bola, ou tentando trabalho... Muitos vão para a marginalidade e muitos não querem fazer nada e ficam às custas do avô, do pai que recebe uma pequena aposentadoria. E nenhum quer ser um poeta, quer trabalhar pelas feiras, vender o cordel.

No meu tempo era diferente, a gente tinha que partir para alguma melhoria. Na zona rural onde eu nasci e me criei, na minha região, deu muito poeta, muito violeiro, repentista, embolador e cordelista, porque era uma alternativa para a pessoa deixar de limpar o mato e aí passar a viajar, andar limpo, sempre andar com dinheiro, ter amizades e conhecer muitos lugares. É o meu caso e o de muitos outros.

Hoje os jovens podem até ter certa facilidade de vida, por exemplo vender folheto mesmo sem andar, sem nada, mas de ter uma vida melhor um pouco, e aí nenhum quer.

Já fizemos campanha, já fizemos tudo e não aparece um. Algum que tem perdido no Nordeste, vendendo cordel, já é antigo, é pessoa de quase sessenta anos, que ainda tá vendendo, mas estacionado, porque não tem mais força física pra apresentar, pra cantar. Então vende estacionado e tem experiência porque tirou a vida inteira fazendo aquilo, mas não tem uma camada de jovens que enfrente isso.

O povo tá pronto pra comprar, da mesma maneira que era.

¹² TAVARES, Bráulio. O cordel eletrônico. Jornal da Paraíba, 23.04.2005. 654. <http://jornaldaparaiba.globo.com/braulio.html>. Acesso em 07.02.2006.

J.Borges atualiza suas observações, avaliando o momento atual: “você estão vendo exemplo aqui mesmo. Faço folheto, vendo folheto. Mas o movimento tá modificado. Tem outras maneiras de produzir, tem público diferente”.

Lembramos novamente Bráulio Tavares, sobre as transformações e a persistência do Romancero Popular Nordestino¹³:

Novos cordelistas aparecem. O interesse pelo cordel amplia-se entre a classe média. Novos recursos (computador, internet) vêm ajudar a preservar esta forma de literatura. (...) Existe cordel eletrônico sendo publicado na Internet, cordel sem papel mas que é acessado e lido como se acessa e se lê um jornal ou um blog. É um cordel sem folheto, digamos: o Romancero descobrindo uma nova forma de se divulgar e de se manter vivo.¹⁴

6. A escrita falante¹⁵

Durante nosso encontro mais recente, o poeta folheia o livro *Poesia e gravura de J.Borges* e continua contando casos. Comenta sobre pesquisadores que o procuram para embasar ou ilustrar trabalhos sobre a literatura de cordel. Repete que prefere falar em *folheto*, mas usa também a expressão *cordel*, porque “esse nome dominou demais. Foi trazido por aqui lá nos anos setenta e dominou. Mas de verdade não tem nada a ver. Nem pendurado é. A gente canta ele, sem exposição nenhuma assim em cordão. O povo conhece como folheto, é folheto popular”¹⁶.

O mote da conversa é uma gravura sua “retratando” vários cantadores, que introduz o texto “História de uma escrita falante”¹⁷.

“É isso”, diz Borges: “o folheto tem esse misto aí, de história contada no canto e escrita no papel. Por isso esse nome que aparece na gravura...”

Borges nos trazia, então, uma das mais instigantes questões do cordel: os limites moventes entre a oralidade e a escrita.

Em *Literatura oral no Brasil*¹⁸, Câmara Cascudo reconhece imagens sonoras e visuais que *persistem, mesclam-se e se transformam pela oralidade*, e enfatiza a

¹³ “O escritor Ariano Suassuna chama a esses poemas [os ‘folhetos de cordel’], e a outros que são parecidos com eles em origem e em espírito, Romancero Popular do Nordeste”. In TAVARES, Bráulio. *Contando histórias em versos – poesia e romancero popular no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005. Introdução. pg.10

¹⁴ TAVARES, Bráulio. O cordel eletrônico. cit.

¹⁵ Essa expressão deu título ao Projeto desenvolvido pelo estudante Rafael Santiago de Rezende para a Bolsa de Formação de Pesquisador de Iniciação Científica – UCB/ 2006 (*A escrita falante de J.Borges: oralidade e escrita na Comunicação*).

¹⁶ Essa preferência está registrada no vídeo *J.Borges – gravura e cordel*, dirigido por Clodo Ferreira. Brasília, UnB/CPCE, 2003.

¹⁷ BORGES, J. F. e COIMBRA, Silvia R.. *Poesia e gravura de J.Borges*. Recife: Ed. do Autor, 1993. Gravura.

¹⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 2ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.



interdependência entre a literatura escrita e a oral, e lembra que a persistência pela oralidade pode se dar, inclusive, pela fixação tipográfica. Diz ele que as *fontes contínuas da literatura oral* podem ser explicitamente e predominantemente *orais* (histórias, cantos populares, danças de roda, danças cantadas, jogos infantis, acalantos, cantigas anônimas, aboios, anedotas, adivinhações, lendas e outras formas de expressão), e também impressas (publicações populares, como os antigos folhetos e livrinhos originários principalmente de Portugal e de Espanha, até a produção brasileira de cordel)¹⁹.

Por isso, a expressão *escrita falante*: mesmo quando registrados em forma impressa, o que se percebe é permanência da oralidade, do estilo oral da narrativa nos folhetos, desde a produção até a apresentação.

7. Notícias no sertão, notícias do sertão

Já é notícia, é informação acessível: o internauta que navega em busca de subsídios para pesquisas escolares pode encontrar, por exemplo, no site da Fundação Joaquim Nabuco: “o poeta popular é o representante do povo, o repórter dos acontecimentos da vida no Nordeste do Brasil”²⁰.

As classificações temáticas das narrativas populares e da literatura oral indicam a percepção desse caráter: fala-se de *folhetos de acontecidos*, *folhetos de circunstância*, *folhetos noticiosos*²¹, *jornal do sertão*²². O assunto é tratado no meio acadêmico e em fóruns expressivos na área da Comunicação, como nos encontros e conferências sobre Folkcomunicação, no âmbito da Intercom e da Alaic.

Sebastião Breguez refere-se à literatura de cordel como uma espécie de jornalismo popular²³: “É produção de notícia e faz o papel do jornal impresso”²⁴. Roberto Benjamin

¹⁹ CASCUDO, idem. Cap. I, pp 22 e seguintes. Cap. II. Cap. V.

²⁰ Literatura de cordel. In: Pesquisa escolar. <http://www.fundaj.gov.br/docs/pe/pe0017.html>. Acesso em 11.05.2006.

²¹ Por exemplo, em AMORIM, Maria Alice. *O folheto de circunstância: 11 de setembro em cordel*. VI Congresso Latinoamericano de Ciências de la Comunicación. Santa Cruz de la Sierra, junho de 2002. <http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002/trabalhos%20completos%20Bolivia%202002/GT%20%204%20%20Roberto%20E%20Benjamim/alice.doc>. Acesso em 28.12.2005.

²² MEGALE, Nilza B. *Literatura de cordel*. In: Folclore Brasileiro. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. <http://www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/cordel.html>. Acesso em 28.12.2005.

²³ BREGUEZ, Sebastião. *A literatura de cordel como produção de notícia e jornalismo popular - uma análise da obra de Teo Azevedo*. Sala de Prensa, 78, año VII, vol. 3. <http://www.saladeprensa.org/art602.htm>. Acesso em 11.05.2006.

²⁴ Em vários artigos, e em comentário no texto de sua aluna Daniela Landin. Comentário de Sebastião Breguez. In: LANDIN, Daniela. *Na boca do povo*. Site da Faculdade Cáspier Líbero. Ensaio & Crítica. Literatura. <http://www.facasper.com.br/cultura/site/critica.php?tabela=&id=40>. Acesso em 28.12.2005.



observa o folheto de cordel “como um canal folk, utilizado para mediação entre os canais massivos e um público específico - a população nordestina de cultura folk”²⁵.

Jeová Franklin, que em 2005 também esteve em Bezerros comemorando os setenta anos de J. Borges, em 1981 observava que o cordel, “produzido de modo artesanal ou toscamente industrial, traz em si elaboradíssima tecnologia de comunicação coletiva”²⁶, mesclando histórias e personagens de variados espaços e tempos, ficção e acontecidos, escrita e oralidade.

Nesse artigo, Jeová transcreve versos de *O jornal sertanejo*, do poeta Manoel Caboclo Linho, de Juazeiro:

Temos jornal e revista
Mas o sertão não conhece
A sua atualidade
Em poucas cidades cresce
Sertão só se informa bem
Quando o cordel aparece

O próprio J. Borges, em 1999, contava no *Globo Rural*²⁷:

Era a notícia que o povo
Lia e acreditava
Os poetas escreviam
Tudo quanto se passava
A até os analfabetos
Um folheto comprava

Hoje, Borges concorda que seu trabalho “é notícia” que se espalha pelas gravuras, folhetos, cordéis, livros, camisetas, capas de discos e cd’s, vinhetas de filmes e novelas – nem sempre devidamente creditado e remunerado²⁸.

Aceita o *título* de maior editor de cordéis do nordeste, ou do Brasil, e se diz envaidecido quando Ariano Suassuna o chama de “o maior gravador popular brasileiro”.

Guarda a lista de suas premiações e viagens, e da participação em exposições e feiras no Brasil e no exterior.

Tem boas lembranças de trabalhos com “amigos e gente séria”, da ilustração do livro *As palavras andantes*, de Eduardo Galeano, de ter recebido a Comenda Ordem do Mérito

²⁵ BENJAMIN, Roberto. *A nova abrangência da folkcomunicação*. PCLA - Volume 1 - número 1: outubro / novembro / dezembro 1999. <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista1/artigos3.htm>. Acesso em 28.12.2005.

²⁶ QUEIROZ, Jeová Franklin. 1981. *Sertão só se informa bem quando o cordel aparece*. Ministério do Interior. Revista Interior, n.º. 38, maio/junho 1981.

²⁷ BORGES, J. *O cordel do cordel*. Globo Rural, outubro 1999. <http://globo.com/globorural.globo.com/barra.asp?d=/edic/168/leitura1.htm>. Acesso em 15.12.2005.

²⁸ A propósito, diz em entrevista recente: “Querem usar meu nome, que é resultado de 50 anos de luta. Se meu nome vale alguma coisa, eu digo que paguem”. NORBERTO, Flora. *O Profeta da Xilogravura*. Jornal do Commercio. Recife, 10.01.2006. Caderno C, pg 1.



Cultural em 1999, do Ministério da Cultura e o Prêmio Unesco 2000, categoria Cultura, e de ter sido um dos artistas escolhidos para ilustrar o calendário anual da ONU, em 2002.

Reverenciado pela mídia, Borges continua conhecido no *circuito de praça e feira*²⁹ do sertão. Seus folhetos continuam divulgando notícias e atualidades, e renovando velhas histórias recontadas, que despertam interesse no meio cultural, artístico e intelectual urbano, como objeto de *cultura popular*.

Sua *escrita falante* e suas gravuras são requisitadas também para a produção de material para campanhas de âmbito nacional, como os recentes Projeto *Arca das Letras*, desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, e o Programa de Combate ao Trabalho Escravo. Paralelamente, sua Folhetaria continua atendendo pequenos clientes comerciais, que encomendam desde blocos de notas fiscais até panfletos e impressos de divulgação publicitária.

Recebendo, desde janeiro de 2006, a bolsa vitalícia concedida a partir da Lei do Registro do Patrimônio Vivo³⁰, J. Borges lembra que “não vivo de divulgação – se eu levar divulgação na padaria não levo nenhum punhado de farinha velha”³¹, e continua “labutando lá na folhetaria, vendendo cordel e gravura, e na campanha para ter quem cante e venda folheto na feira, na rua, mantendo essa arte e esse ofício vivos...”

²⁹ Expressão utilizada no vídeo de Clodo Ferreira, cit.

³⁰ “A Lei do Registro do Patrimônio Vivo (Lei nº 12.196, de 2 de maio de 2002) tem como objetivo preservar as manifestações populares e tradicionais da cultura pernambucana, assim como permitir que os artistas repassem seus conhecimentos às novas gerações de alunos e aprendizes.” <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=312&textCode=6171&date=currentDate>. Acesso em 22.02.2006.

³¹ NORBERTO, Flora, cit.



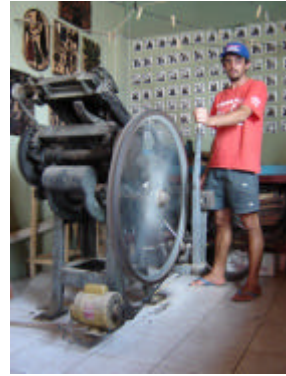
J. Borges, Jeová Franklin, Jô Oliveira e Jorge Fernandes de Oliveira.
Casa de Jeová Franklin, Brasília, novembro de 1999.



... sobre o caso contado por Jeová Franklin em 2005
(1965, Bezerros: primeiro cordel escrito, ilustrado e editado por J. Borges.
Na capa, sua representação da Matriz de Juazeiro. Ao lado, Matriz de Juazeiro e Matriz de Bezerros)



Folheto do ceramista Manoel Galdino, de Caruaru, ilustrado e editado por J. Borges. Bezerros, s/d (anos oitenta)
Na contracapa, anúncio da Folhetaria Borges.



Memorial J. Borges. Bezerros, 2005.

Estantes de folhetos.

Na tipografia, Cícero coloca em funcionamento a velha máquina.



Memorial J. Borges. Bezerros, 2005.

J. Borges - as caixas de tipos móveis, as matrizes.

Fotos e reproduções: Ivany Neiva. 1999, 2005.
Foto da Matriz de Juazeiro: Aluízio Augusto. 2005.



Referências bibliográficas

- AMORIM, Maria Alice. *O folheto de circunstância: 11 de setembro em cordel*. VI Congresso Latinoamericano de Ciências de la Comunicación. Santa Cruz de la Sierra, junho de 2002. <http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolívia2002/trabalhos%20completos%20Bolívia%202002/GT%20%204%20%20Roberto%20E%20Benjamim/alice.doc>. Acesso em 07.02.2006.
- BARROSO, Maria Helenice. *Os cordelistas no DF: dedilhando a viola, contando a história*. Brasília: UnB / Programa de Pós-Graduação em História, 2006. Dissertação de Mestrado.
- BELTRÃO, Luiz. *O ex-voto como veículo jornalístico*. Comunicações & Problemas, 1965, v.1, n.1. Recife, Icinform. [Reeditado em Luiz Beltrão (1918-1986). *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.]
- BENJAMIN, Roberto. *A nova abrangência da folkcomunicação*. PCLA, v.1, n.1 out./nov./dez 1999. <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista1/artigos3.htm>. Acesso em 28.12.2005.
- _____. *Folkcomunicação: os veículos de manifestação da cultura popular*. In: Mídia e folclore. O estudo da Folkcomunicação segundo Luiz Beltrão. Cátedra Unesco/Umesp e Faculdades Maringá. Maringá/ São Bernardo do Campo, 2001.
- BORGES, J.. *O cordel do cordel*. Globo Rural, outubro 1999. <http://globorural.globo.com/barra.asp?d=/edic/168/leitura1.htm> . Acesso em 15.12.2005.
- _____. *O verdadeiro aviso de Frei Damião sobre os castigos que vêm*. Cordel. Ilustração: xilogravura de J.Borges. 1965.
- BORGES, J. F. e COIMBRA, Silvia R.. *Poesia e gravura de J.Borges*. Recife: Ed. do Autor, 1993.
- BORGES, José Francisco. (sem data). *Memórias e contos de J.Borges*.
- BOSI, Alfredo. *O tempo e os tempos*. In NOVAES, Adauto, org. *Tempo e História* . São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BREGUEZ, Sebastião. *A literatura de cordel como produção de notícia e jornalismo popular - uma análise da obra de Teo Azevedo*. Sala de Prensa, 78, año VII, vol. 3. <http://www.saladeprensa.org/art602.htm>. Acesso em Acesso em 28.12.2005.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10ª edição. São Paulo: Global, 2001.
- _____. *Literatura Oral no Brasil*. 2ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- FERREIRA, Clodo, diretor. *J. Borges – gravura e cordel*. Vídeo. Brasília: CCPE/UnB, 2003.
- LANDIN, Daniela. *Na boca do povo*. Site da Faculdade Cásper Líbero. Ensaio & Crítica. Literatura. <http://www.facasper.com.br/cultura/site/critica.php?tabela=&id=40>. Acesso em 28.12.2005.
- Literatura de cordel*. In: Pesquisa escolar. <http://www.fundaj.gov.br/docs/pe/pe0017.html> Acesso em 11.05.2006.



LUCENA FILHO, Severino A. de. *Do ex-voto ao folkmarketing*. In: BREGUEZ, Sebastião, org. Folkcomunicação: resistência cultural na sociedade globalizada. Belo Horizonte: Intercom, 2004.

LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura popular*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MACIEL, Nahima. A fantástica oficina de J.Borges. Brasília: Correio Braziliense, 12.04.2004.

_____. Encontro com o Mestre. Brasília: Correio Braziliense, Caderno de Cultura. 04.04.2004.

MEGALE, Nilza B. *Literatura de cordel*. In: Folclore Brasileiro. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. <http://www.terrabrasileira.net/folclore/manifesto/cordel.html>. Acesso em 11.05.2006.

NASCIMENTO, Débora. *Uma tradição chamada J. Borges*. Correio Braziliense: Brasília, 04.11.1999.

NEIVA, Ivany Câmara. *A Folhetaria de Borges: notícias no sertão*. Imagem.N, nº3, maio 2006. Brasília: Universidade Católica de Brasília. <http://www.ucb.br/comsocial/imagemn1.htm>.

_____. *De cor e salteado: transmissão, permanência e mudança na folia*. In: NEGRÃO DE MELLO, Thereza e SILVEIRA, Alex (orgs.). *Entorno que transborda: patrimônio imaterial da RIDE*. Brasília: Petrobras, 2006.

_____. *Linhas de Cascudo, espaços de pesquisa*. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom 2005 – Ensino e Pesquisa em Comunicação. Núcleo de Pesquisa: Folkcomunicação. Intercom. UERJ, setembro 2005.

NORBERTO, Flora. *O Profeta da Xilogravura*. Jornal do Commercio. Recife, 10.01.2006. Caderno C, pg 1.

PENTEADO, José Octavio, curador. *A Arte de J.Borges – do cordel à xilogravura*. Exposição, Catálogo. Centro Cultural Banco do Brasil. Brasília, 6 de abril a 16 de maio de 2004.

QUEIROZ, Jeová Franklin. *Sertão só se informa bem quando o cordel aparece*. Brasília: Ministério do Interior. Revista Interior, nº. 38, maio/junho 1981.

_____. *Xilografia nordestina*. Brasília: Livro Artesanal, abril 2000.

SCHMIDT, Cristina. *Folkcomunicação: uma metodologia participante e transdisciplinar*. In: Revista Internacional de Folkcomunicação. 2004. <http://www2.metodista.br/unesco/revista%20folkcom/Revista3.pdf>. Acesso em 07.02.2006.

TAVARES, Bráulio. *Contando histórias em versos – poesia e romanceiro popular no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005.

_____. *O cordel eletrônico*. Jornal da Paraíba, 23.04.2005. 654. <http://jornaldaparaiba.globo.com/braulio.html>. Acesso em 07.02.2006.

_____. *140 anos de Leandro*. Jornal da Paraíba, 19.11.2005. 835. <http://jornaldaparaiba.globo.com/braulio.html>. Acesso em 07.02.2006.

VALE, Israel do. *A peleja da poesia popular contra a vida agreste*. Revista Palavra, ano I, nº 12, abril 2000. Belo Horizonte: Editora Gaia.